

ROGER LIEBI



A SEMANA DA PAIXÃO DE CRISTO

O contexto judaico na consumação
do ministério de Cristo



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

A SEMANA DA PAIXÃO DE CRISTO

R O G E R L I E B I

1ª Edição
2023

Tradução
Doris Körber



chamada

Und Er kam nach Jerusalem
Copyright © 2020 by Roger Liebi
Publicado por Edition Nehemia
Sanddornweg 1, CH-3613 Steffisburg
www.edition-nehemia.ch

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2023 por Chamada

1ª Edição – Maio/2023

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Doris Körber*

Revisão: *Débora Steiger*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e*
Rômulo Spier do Nascimento

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas do texto bíblico da Nova Almeida Atualizada, NAA © Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Usado com permissão. www.sbb.org.br

Passagens da Escritura marcadas como NVI foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc.

Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como ARC foram extraídas da Almeida Revista e Corrigida (ARC), copyright © 2009 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

L717 Liebi, Roger.

A semana da paixão de Cristo: o contexto judaico na consumação do ministério de Cristo / Roger Liebi ; [tradução Doris Körber].

– 1. ed. – Porto Alegre : Chamada, 2023.

96 p. ; 18 cm.

“Tradução de: *Und Er kam nach Jerusalem*”

ISBN 978-65-89505-30-3

1. Jesus Cristo - Semana da Paixão. 2. Bíblia. N.T. - Comentários. 3. Jesus Cristo - Crucificação. 4. Via-sacra. 5. Jesus Cristo - Ressurreição. I. Körber, Doris. II. Título.

CDD23: 232.96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
DOMINGO DE RAMOS: A entrada do Rei em Jerusalém	9
SEGUNDA-FEIRA: Segunda purificação do templo	25
TERÇA-FEIRA: Confrontações e debates acirrados.....	39
QUARTA-FEIRA: Complô e traição.....	55
QUINTA-FEIRA: Imolação do cordeiro pascal	61
SEXTA-FEIRA: Festa da Páscoa e crucificação.....	67
SÁBADO: O Messias no túmulo	75
DOMINGO Ressurreição	79
Apêndice 1: VISÃO GERAL DA SEMANA DA PAIXÃO	83
Apêndice 2: CRONOLOGIA DETALHADA DO DIA DA CRUCIFICAÇÃO	87
Apêndice 3: A SEMANA DA PAIXÃO EM TÓPICOS	91

INTRODUÇÃO

Este livro trata de oito dias, começando no Domingo de Ramos e terminando no dia da ressurreição. Esses oito dias são tão importantes que os quatro Evangelhos, que iluminam a vida do Senhor Jesus na terra ao longo de cerca de 33 anos, dedicam aproximadamente 32% do texto apenas a essa semana. Com isso, quase um terço dos evangelhos se ocupa desse período tão reduzido. Isso deixa claro que aqui se trata de uma sequência de eventos extremamente significativos.

Seria importante memorizar o que aconteceu em cada um desses oito dias – de domingo a domingo. Para começar, vamos ler a entrada triunfal do Rei dos reis em Jerusalém segundo Lucas 19, a partir do versículo 28:

“E, depois de dizer isto, Jesus prosseguia a sua viagem para Jerusalém. E aconteceu que, ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, junto ao monte das Oliveiras, Jesus enviou dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: ‘Vão até a aldeia que fica ali adiante e, ao entrar, encontrarão preso um jumentinho, o qual ainda ninguém montou; desprendam o jumentinho e tragam aqui. Se

alguém perguntar: “Por que o estão desprendendo?”, respondam assim: *“Porque o Senhor precisa dele.”*

E, indo os que foram mandados, acharam tudo conforme Jesus lhes tinha dito. Quando eles estavam soltando o jumentinho, os donos do animal disseram: ‘Por que estão desprendendo o jumentinho?’. Eles responderam: ‘Porque o Senhor precisa dele’. Então trouxeram o jumentinho até Jesus e, pondo as suas capas sobre o animal, ajudaram Jesus a montar. À medida que Jesus avançava, as pessoas estendiam as suas capas no caminho. E, quando Jesus se aproximava da descida do monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos começou, com muita alegria, a louvar a Deus em alta voz, por todos os milagres que tinham visto. Diziam: ‘Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas maiores alturas!’ Alguns dos fariseus lhe disseram em meio à multidão: ‘Mestre, repreenda os seus discípulos!’ Mas Jesus respondeu: ‘Eu afirmo a vocês que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão’.

Quando Jesus ia chegando a Jerusalém, vendo a cidade, chorou por ela, dizendo: ‘Ah! Se você soubesse, ainda hoje, o que é preciso para conseguir a paz! Mas isto está agora oculto aos seus olhos. Pois virão dias em que os seus inimigos cercarão você de trincheiras e apertarão o cerco por todos os lados; e vão arrasar você

e matar todos os seus moradores. Não deixarão pedra sobre pedra, porque você não reconheceu o tempo em que Deus veio visitá-la.

Depois, entrando no templo, Jesus começou a expulsar os que ali vendiam, dizendo-lhes: 'Está escrito: "A minha casa será 'Casa de Oração'." Mas vocês fizeram dela um covil de salteadores.'"

DOMINGO DE RAMOS

A entrada do Rei em Jerusalém

O Domingo de Ramos foi, como veremos a seguir, o prelúdio para a segunda purificação do templo. O título apropriado para esse dia é “A entrada do Rei em Jerusalém”, e ele foi excepcionalmente importante. Em Lucas 19.42a, o Senhor Jesus afirma: “Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence!” (ARC). Ele chama aquele dia em que fala com Jerusalém de “[e]ste teu dia”! O significa isso? Este era *o dia* para Jerusalém! Mas o que havia de tão especial nesse dia? Trata-se aqui do 173 880º dia depois de 14 de março de 445 a.C., quando um édito do rei Artaxerxes autorizou Neemias a reconstruir a destruída cidade de Jerusalém.

O dia 173 880 depois desse édito foi o Domingo de Ramos em 6 de abril de 32 d.C. Nessa ocasião, o Senhor

Jesus entrou majestosamente em Jerusalém, montado em um jumento. Isso aconteceu em cumprimento à profecia de Daniel 9. As referências cronológicas desse capítulo se cumpriram com precisão absoluta. Enquanto Jerusalém era só ruínas e pó, Daniel recebeu a profecia de que seria preciso esperar sete e 62, isto é, 69 semanas de anos, depois da ordem para reconstruir Jerusalém até que o Messias viesse como Rei (Dn 9.25). Uma semana aqui não são sete dias, mas uma “semana” de sete anos.

Na profecia, um ano tem 360 dias. Vê-se isso claramente em Apocalipse 11.2-3, onde três anos e meio são equiparados a 1 260 dias, o que, por sua vez, corresponde a 360 dias por ano. Assim, se considerarmos a duração correta de um ano profético com 360 dias, 69 semanas de anos correspondem a exatamente 173 880 dias ($69 \times 7 \times 360$ dias). Se contarmos os dias entre 14 de março de 445 a.C., data do édito de Artaxerxes em Neemias 2 ordenando a reconstrução de Jerusalém, até “[e]ste teu dia, [Jerusalém]”, quando o Messias entrou na cidade como Rei, isto é, o dia 6 de abril de 32 d.C., chegamos a exatamente 173 880 dias. Naturalmente é preciso considerar, nesse cálculo, que há 116 anos bissextos no mesmo período.¹ Igualmente, é preciso con-

¹ Não são 119, pois a correção com os dias bissextos também requer sua própria compensação, para que o deslocamento mantenha o alinhamento

siderar que não existe um ano zero. Historicamente, o ano 1 a.C. é imediatamente seguido pelo ano 1 d.C. A astronomia, no entanto, tem um ponto zero, e por isso o ano histórico 445 a.C. corresponde ao ano 444 a.C. astronômico. A conclusão de todas essas contas é: o dia em que o Senhor Jesus entrou em Jerusalém como Rei corresponde exatamente ao dia anunciado na profecia.

Certamente está claro para nós que, ao nascer em Belém, o Senhor Jesus ainda não tinha vindo como rei. Ninguém coloca um príncipe numa manjedoura. No dia acima citado, no entanto, Jesus se apresentou como rei. Exatamente como Daniel 9.25 previra. Por isso, o Senhor Jesus chama de “[e]ste teu dia” aquele dia em que se dirige para Jerusalém. Quando ele entrou como Rei, chegara o dia desta cidade.

Na época dos Evangelhos e do Senhor Jesus, portanto também na época do segundo templo, havia determinações exatas a respeito de qual salmo o coro profissional e a orquestra dos levitas deveriam entoar no templo em cada dia da semana. Essas prescrições encontram-se no

com o ano solar. No calendário gregoriano há, a cada 400 anos, uma exceção ao dia bissexto; por isso, esse período apresenta não 119, mas apenas 116 anos bissextos. Uma exposição bem detalhada sobre o cálculo das 69 semanas de anos de Daniel está no primeiro capítulo de Roger Liebi, *Jerusalém: Obstáculo para a Paz Mundial?* (Porto Alegre: Chamada, 2014).

Talmude,² no tratado³ *Thamid 33b*. A expressão hebraica *Thamid* designa os holocaustos regulares da manhã e da tarde.

Seguem-se agora algumas explicações genéricas sobre os dias da semana. O domingo é chamado, em hebraico, de *yom rishon* (primeiro dia). Isto corresponde ao relato da Criação: a semana da Criação começa com o domingo, o primeiro dia. A segunda-feira é chamada de *segundo dia*, a terça-feira, de *terceiro dia*, e assim por diante (cf. Gn 1):

- Domingo: *yom rishon* (primeiro dia),
- Segunda-feira: *yom sheni* (segundo dia),
- Terça-feira: *yom shlishi* (terceiro dia),
- Quarta-feira: *yom revi'i* (quarto dia),
- Quinta-feira: *yom chamishi* (quinto dia),
- Sexta-feira: *yom shishi* (sexto dia),
- Sábado: *yom shabbath* (não sétimo dia, mas dia do sábado/do descanso).

Esses também são os nomes dos dias da semana no hebraico moderno.

2 O Talmude é uma coletânea de exposições de antigos rabinos. Ele mostra como o Antigo Testamento era aplicado à prática e contém interessantes tradições adicionais da vida diária do judaísmo.

3 O Talmude é dividido em diferentes tratados.

É muito importante considerar que os dias do calendário judaico começam no entardecer da véspera e terminam no pôr do sol seguinte. Em Levítico 23.32, por exemplo, Moisés fala de um dia como o período “da tarde do dia... até a tarde do dia seguinte”. Para uma melhor compreensão desse ponto, há uma tabela cronológica no fim deste livro.

No primeiro dia da semana (mais precisamente, no fim da tarde do domingo), o Senhor Jesus entrou em Jerusalém *com majestade real*. Justamente por ser domingo, nesse dia ouvia-se no templo o salmo 24 (cf. *Thamid 33b*). Essa determinação, aliás, também aparece na Septuaginta, a mais antiga tradução bíblica em grego, preparada no século III a.C. por judeus em Alexandria, Egito.⁴ Dessa forma, fica claro que o costume de apresentar determinados salmos no templo em dias específicos, seguindo um plano semanal, já estava arraigado no judaísmo desde o período pré-cristão.

A cada dia, cantava-se um salmo diário durante o holocausto da manhã. O holocausto da manhã era o primeiro sacrifício, apresentado por volta da terceira hora.

⁴ Nessa tradução, o título do salmo 24 acrescenta a informação de que ele era previsto para ser lido no primeiro dia da semana. No judaísmo, isso é transmitido dessa forma até hoje. O *Siddur* – um livro de orações judaico – prescreve o salmo 24 para ser recitado no primeiro dia (domingo).

Na Antiguidade, o período claro do dia, da manhã à noite, era subdividido em doze horas. Com isso, a duração de uma hora mudava constantemente ao longo do ano – o que nós, ocidentais no século XXI, podemos ter dificuldade de entender. Durante a semana da Paixão (em abril), a indicação *por volta da hora terceira*, transferida para a nossa contagem de tempo atual, correspondia mais ou menos às nove horas da manhã.⁵

Mais tarde, ao longo do dia, apresentavam-se as demais ofertas (voluntárias ou prescritas). O último sacrifício de cada dia era sempre o holocausto da tarde. Este era apresentado por volta da hora nona (que em abril era por volta das 15 horas). Vemos que esses são exatamente os momentos-chave da crucificação. O Senhor Jesus foi crucificado por volta da hora terceira – ou seja, por volta das nove horas –, e entregou seu espírito e morreu por volta da hora nona – isto é, em torno das 15 horas.

Junto com o holocausto da manhã, por volta das nove horas, no primeiro dia da semana, o coro no pátio interno do templo tinha cantado o salmo 24. O seu versículo 6 diz: “Esta é a geração dos que o buscam, dos

5 Para chegar ao horário costumeiro entre nós, basta somar seis horas ao horário judaico. Já no evangelho de João usa-se a contagem de horas a partir da meia-noite. Essa contagem coincide com o sistema de horas usado atualmente.

que buscam a face do Deus de Jacó [Selá]”. *Selá* era um momento de silêncio do coro, enquanto havia um interlúdio instrumental. Os visitantes do templo podiam refletir a respeito das palavras cantadas até ali, a partir do versículo 1, em especial sobre o último versículo (“Esta é a geração dos que o buscam...”). Esse versículo gira em torno daqueles que realmente buscam a Deus; daqueles que anseiam estar em sua presença e querem se apresentar a ele como adoradores. Depois do intervalo musical, vem o texto dos versículos 7 a 10:

“Levantem as suas cabeças, ó portas! Levantem-se, ó portais eternos, para que entre o Rei da glória. Quem é o Rei da glória? O SENHOR, forte e poderoso, o SENHOR, poderoso nas batalhas. Levantem as suas cabeças, ó portas! Levantem-se, ó portais eternos, para que entre o Rei da glória. Quem é esse Rei da glória? O SENHOR dos Exércitos, ele é o Rei da glória [Selá].”

Ao final vem mais um *Selá*, agora como poslúdio da orquestra. Mais uma vez, há oportunidade para refletir.

Justamente no entardecer desse dia, o Senhor Jesus, saindo do monte das Oliveiras, passou pelo vale do Cedrom e chegou a Jerusalém montado em um jumento. No templo, Jerusalém e seus habitantes tinham sido

convocados, pela manhã, a receber este Rei, a aceitá-lo! Mas antes já vimos, pelo evangelho de Lucas, que vários fariseus e pessoas da multidão interferiram quando os discípulos começaram a exaltar o Senhor como o Rei messiânico.⁶ Afinal, Lucas 19.38 traz uma citação de Salmos 118.26. O salmista ensinou quais palavras deveriam ser usadas para saudar o Messias quando ele viesse: *Barukh haba' beshem adonai*. *Barukh haba'* significa, literalmente, “bendito é aquele que vem”; outra tradução possível é “louvado seja aquele que vem”.

Contudo, é preciso considerar que a expressão hebraica *barukh ha-ba'* é uma expressão fixa no hebraico que na realidade significa “bem-vindo!”. Em Israel, quando alguém é convidado para algo e se dirige ao local indicado, ele primeiramente bate à porta. Então a porta é aberta, e os moradores da casa dizem: *Barukh ha-ba'*, isto é, bem-vindo! Quando os discípulos disseram *barukh ha-melekh, ha-ba' beshem 'adonai*, eles estavam dando boas-vindas ao Senhor Jesus como Rei.

Os fariseus, no entanto, disseram ao Senhor Jesus: “Mestre, repreenda os seus discípulos!” (Lc 19.39). Aqui se manifesta uma tremenda resistência – trevas em Jerusalém. Por isso, quando contemplou a cidade ao se

6 “Diziam: ‘Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor!’” (Lc 19.38a).

aproximar, o Senhor Jesus chorou por causa dela!⁷ Nesse festivo dia de número 173 880, ele derramou lágrimas por Jerusalém, porque sabia que as multidões seguiriam os líderes hostis. Cinco dias depois o rejeitariam. Então a multidão gritaria diante de Pilatos: “Crucifique! Crucifique-o!”. Por isso, o Senhor Jesus ainda disse: “Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas, agora, isso está encoberto aos teus olhos” (ARC). Sim, se as multidões não estivessem cegas, verdadeiramente o teriam recebido como Rei! Mas porque não o fizeram, o Senhor anunciou a destruição de Jerusalém, o que se cumpriria, exatamente como ele previu, no ano 70 d.C. Os inimigos viriam e levantariam rampas de ataque!⁸ Foi exatamente os que os romanos fizeram. Depois de 140 dias de uma guerra horrível, eles finalmente arrasaram Jerusalém.

É profundamente espantoso e comovente como tudo isso concorda com o salmo daquele dia! Logo veremos que isso aconteceu em todos os outros dias dessa semana da Paixão. O salmo entoado às nove horas correspondia exatamente ao que os evangelhos relatam a respeito daquele dia. Tudo havia sido cuidadosamente preparado por Deus, inclusive de forma a combinar com as tra-

7 Veja Lucas 19.41.

8 Veja Lucas 19.43.

dições humanas; dessa forma, as palavras desses salmos deveriam alcançar a consciência e o coração das pessoas.

Na realidade, todos esses fariseus que se mostravam tão resistentes deveriam ter pensado: “O que é que foi cantado hoje de manhã no templo mesmo?”. “Levantem as suas cabeças, ó portas! Levantem-se, ó portais eternos, para que entre o Rei da glória. Quem é esse Rei da glória? O SENHOR dos Exércitos...” No lugar do nome “SENHOR dos Exércitos”, o texto original hebraico traz “Javé dos Exércitos”.⁹ *Javé* é o nome próprio do Deus da Bíblia e significa “o Eterno” ou “o Imutável”. Consequentemente, Jesus Cristo, o Rei que entrou pelos portais de Jerusalém, é absolutamente eterno, sem princípio nem fim. O homem de Nazaré era um ser humano real, mas ao mesmo tempo também Deus eterno!

E o que significa “levantem as suas cabeças, ó portas”? A Porta Dourada é ótima para ilustrar isso. Este é, provavelmente, o mais conhecido dos portais da Cidade Velha de Jerusalém. Hoje em dia, esse portão a leste do pátio do templo está fechado com pedras, mas por cima da entrada do portão é possível ver uma gigantesca superestrutura. Essa construção arquitetônica era chamada, em hebraico, de “cabeça do portão”. Assim,

9 Em muitas traduções bíblicas, *Javé* é reproduzido como “SENHOR”, em versalete, o que fazemos também neste livro.

de acordo com o chamado do salmo, não são apenas os portais da cidade que devem se abrir, escancarando as portas, mas até mesmo a superestrutura deve dar lugar! “Levantem as suas cabeças, ó portas... para que entre o Rei da glória”. O termo *portas* está no plural. Assim, todos os portões de Jerusalém são conclamados a se abrir para a vinda do Messias.

Naturalmente agora surge a questão: por qual portão o Senhor terá entrado naquela ocasião? Podemos dizer com certeza que ele não entrou pela porta oriental daquela época. O portão oriental do templo, que ficava exatamente no mesmo lugar onde hoje está a chamada Porta Dourada,¹⁰ tinha um significado bem especial: no *Yom Kippur*, o bode expiatório era conduzido para fora por este portão, para atravessar o vale do Cedrom em direção ao monte das Oliveiras. Dali era enviado para o deserto. Pela mesma porta também se conduzia a novilha vermelha. Este era o sacrifício mais fundamental em Israel. Sem o sacrifício da novilha vermelha,¹¹ qualquer outra oferta era impossível em Israel. Os sacerdo-

10 Dentro do edifício da Porta Dourada hoje selada – que, aliás, data do período bizantino (sécs. IV-V d.C.) – ainda é possível encontrar os umbrais originais do portão. Trata-se de dois monolitos, um com 3,5 metros de altura, o outro com 4,5 metros. Esses umbrais do antigo templo judaico são, no mínimo, da época de Neemias (veja Ne 2–3).

11 Veja Números 19.1-22; Hebreus 9.13.

tes precisavam se purificar antes de poderem oferecer os sacrifícios. E essa purificação só era possível mediante o sacrifício da novilha vermelha. O Talmude diz que apenas nove novilhas vermelhas foram sacrificadas entre Moisés e o ano 70 d.C., quando o templo foi destruído. Esse era, portanto, um sacrifício muito raro, que fornecia as cinzas necessárias para a purificação. Assim, também a novilha vermelha era conduzida para fora por esse portão, para ser levada ao ponto mais alto do monte das Oliveiras, onde havia um altar especial para sacrificá-la. Assim, fica claro que normalmente nem era possível entrar por esse portão. Ele também era vigiado com especial atenção, para que não houvesse nenhuma contaminação ritual. É bastante óbvio que o Senhor saiu do monte das Oliveiras, passou pelo vale do Cedrom e em seguida entrou em Jerusalém pelo portão de Ofel.¹²

Ofel é um curto trecho da encosta que desce numa ladeira especialmente extensa para o sul logo depois do pátio do templo. A Cidadela de Davi vem logo depois de Ofel, esse primeiro trecho após o pátio do templo. Em Ofel havia uma porta de entrada para a cidade. Por ela chegava-se diretamente à Porta Formosa.¹³ Esta porta era o principal acesso ao templo para o povo.

12 O portão de Ofel fica diretamente abaixo do muro sul do pátio do templo.

13 Veja Atos 3.

Há ainda mais um ponto notável: sempre no primeiro dia da semana (domingo), lia-se o relato da Criação nas sinagogas de toda a terra de Israel. No domingo, lia-se o relato sobre o primeiro dia da Criação e logo também os versículos referentes ao segundo dia. Na segunda-feira, lia-se o relato do segundo e terceiro dias da Criação, e assim por diante.

Assim, aos domingos lia-se o seguinte nas sinagogas:

“No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre as águas. Então Deus disse: ‘Haja luz!’ E houve luz. E Deus viu que a luz era boa e fez separação entre a luz e as trevas. Deus chamou à luz ‘dia’ e chamou às trevas ‘noite’. Houve tarde e manhã, o primeiro dia.” (Gn 1.1-5)

No primeiro dia, isto é, no domingo, Deus criou o universo (“céus”) e o planeta Terra. No versículo 2, no entanto, lemos a respeito de trevas que havia sobre a terra. Nessa escuridão, Deus faz brilhar a sua luz: “Então Deus disse: ‘Haja luz!’”. Nesse dia, em que se cantava o salmo 24 e se lia o começo do relato da Criação, o Senhor veio do monte das Oliveiras. O monte das Oliveiras fica a leste de Jerusalém. Todos os dias pela manhã,

o sol se levanta por trás dessa elevação. Do monte das Oliveiras veio ele, a verdadeira Luz do mundo, e entrou nessa cidade cheia de trevas e resistência ao Messias.

No relato da Criação lemos que Deus fez separação entre luz e escuridão. A palavra hebraica para separar (*bādal*) pode se referir a uma *separação espacial* ou então *conceitual*. Em Gênesis 1, o sentido usado é o de *separação conceitual*. Afinal, não havia mistura de luz e trevas que primeiro precisasse de separação. A escuridão na verdade não é nada. Ela é simplesmente ausência de luz. Assim, não se tratava de separar luz e trevas que tinham se misturado. A luz brilhou na escuridão, e Deus estabeleceu a diferença entre o *conceito* de luz e trevas, dando à *luz* o nome *dia* (hebr. *yom*) e à *escuridão*, o nome *noite* (hebr. *lailah*).

Aprendemos aqui algo de importância fundamental: Deus estabelece diferenças conceituais muito claras. Hoje em dia, vemos que a sociedade pós-cristã conscientemente troca e confunde esses conceitos. Assim, julga-se correto muitas coisas que, na realidade, são erradas e, por outro lado, difama-se como injusto o que na verdade é justo. Por isso, Isaías 5.20 diz:

“Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem chamam mal; que fazem das trevas luz e da luz fazem trevas; que mudam o amargo em doce e o doce mudam em amargo!”

Por isso, também é importante que os cristãos estabeleçam diferenças muito claras em sua linguagem e pensamento. Coisas que não devem andar juntas não podem ser misturadas. De forma bem ampla, é muito importante que nossa linguagem use termos claros e puros. Deus nos ensina isso desde o princípio por meio de sua Palavra perfeita.

Nos eventos do Domingo de Ramos, vemos como as trevas se voltaram contra o Senhor Jesus, pois os fariseus exigiram que ele repreendesse os discípulos que queriam recebê-lo como Messias. A isso, no entanto, o Senhor respondeu:

“Eu afirmo a vocês que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão.” (Lc 19.40)

É realmente impressionante o que aconteceu ali: o Rei, o Messias, entrou em sua cidade no dia de Jerusalém. Também é impactante a forma como Deus conduziu a tradição judaica de tal forma que os textos certos fossem lidos no dia certo nas sinagogas e no templo. Isso teste-

munha de forma muito concreta a respeito da soberania de Deus. Portanto, ele também tem condições de falar conosco por meio de circunstâncias e acontecimentos!

Essas informações sobre os dias da Criação foram transmitidas no Talmude babilônico, no tratado *Tha'anith* 4.2-3.

Para a cronologia dos eventos na semana da Paixão, a seguinte constatação é decisiva: somente no evangelho de Marcos é possível ver com precisão o que aconteceu em qual dia. Só lá se diz – e de forma bem consistente – o que aconteceu em que dia da semana.



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

UMA SEMANA DECISIVA

Aproximadamente um terço dos Evangelhos direciona nosso olhar para a última semana antes da crucificação de Jesus Cristo, na qual o Senhor sofreu por nossos pecados e, por fim, ressuscitou dos mortos. Portanto, o que aconteceu há mais de 1 900 anos, na época da Páscoa, deve ser muito importante!

Neste livro, o autor ilumina e colore os acontecimentos da semana da Paixão com o desejo de encher o coração do leitor de admiração. Cada um dos eventos relatados, em todos os dias da semana, ocorreu de acordo com um plano maravilhoso e divino. Há paralelos impressionantes com os salmos cantados no templo em dias específicos da semana e com o relato da Criação, em Gênesis 1–2. Tais detalhes, muitas vezes ignorados, nos mostram a grandeza de Deus sob uma nova perspectiva e apontam para o maior plano de paz de todos os tempos.



Roger Liebi (Th.D., Whitefield Theological Seminary) é autor de diversos livros e atua como professor de ensino bíblico e como palestrante em vários países. Entre 2004 e 2011, foi docente universitário na área de arqueologia de Israel e do Oriente Médio. Fez parte de três projetos de tradução da Bíblia. Além de teologia, também estudou música (violino e piano) e línguas do mundo antigo (grego, hebraico, aramaico e acádio). Casado, tem 6 filhos.

ISBN 978-65-89505-30-3



9 786589 505303

chamada.com.br